

A VALORIZAÇÃO DO MODERNISMO NA REARQUITETURA: NOTAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA

Data de submissão: 05/07/2023

Data de aceite: 01/08/2023

Cassandra Salton Coradin

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura
Porto Alegre – RS
<http://lattes.cnpq.br/4833225615426375>

RESUMO: Este ensaio almeja reforçar a importância da documentação e estudo sobre o patrimônio moderno, para sua preservação e conservação, a partir da experiência de uma disciplina ministrada na graduação de uma Faculdade de Arquitetura. A escolha de agências bancárias, como objeto de estudo, tem por finalidade não somente a intensão de contribuir para a preservação dos exemplares indicados, mas, também, de chamar atenção para a conservação e manutenção do amplo grupo de obras bancárias, produzidas nesta época.

PALAVRAS-CHAVE: Rearquitetura; Arquitetura Bancária; Modernismo.

THE VALUATION OF MODERNISM IN REARCHITECTURE: NOTES ON AN EXPERIENCE

ABSTRACT: This essay aims to reinforce

the importance of documentation and study of modern heritage, for its preservation and conservation, based on the experience of a subject taught in the graduation of a Faculty of Architecture. The choice of bank branches, as the object of study, is intended not only to contribute to the preservation of the indicated examples, but also to call attention to the conservation and maintenance of the wide group of bank works produced at this time.

KEYWORDS: Rearchitecture; Banking Architecture; Modernism.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo mostra a importância da documentação e estudo sobre o patrimônio moderno, para sua preservação e conservação, a partir da experiência de uma disciplina no curso de graduação de uma Faculdade de Arquitetura, em instituição privada do Rio Grande do Sul. Ministrada desde meados dos anos 90, a disciplina denominada Ateliê de Arquitetura VI, tem enfoque sobre o desenvolvimento de projetos de nova edificação associada à rearquitetura

de construção pré-existente de valor arquitetônico patrimonial. Contudo, ressalta-se que somente a partir de 2017, foi proposto o reuso do patrimônio moderno.

Foram três semestres que a presente autora teve a oportunidade de acompanhar a disciplina sob a ótica da documentação, preservação e conservação de patrimônio moderno. Os objetos de estudo foram duas agências bancárias construídas em Porto Alegre. Em 2017, foi escolhida a Agência Caixa Econômica Federal José do Patrocínio (1975), projetada pelo arquiteto Jorge Decken Debiagi e equipe, localizada na Rua José do Patrocínio, número 441, Bairro Cidade Baixa. E, em 2018, a Agência Caixa Econômica Federal Moinhos de Vento (1973), projetada pelos arquitetos César Dorfman e Edenor Buchholz, localizada na Rua Quintino Bocaiuva, número 580, Bairro Moinhos de Vento.

A escolha das agências, como objeto de estudo e desenvolvimento de projeto, foi feita a partir da percepção de semelhanças na abordagem projetual: pelas características construtivas, com o uso do concreto aparente; pelo tratamento das superfícies envidraçadas, permitindo ampla relação visual entre o interior e o exterior; e, apesar dos partidos serem diversos, a valorização da cobertura e a implantação em meio a um contexto consolidado, em terrenos de esquina.

A finalidade da disciplina na escolha dessas obras recai, não somente, na intenção de contribuir para a preservação dos exemplares indicados, mas, também, de chamar atenção para a conservação e manutenção de amplo grupo de obras bancárias, produzidas nesta época.

2 | A VALORIZAÇÃO DO MODERNISMO NA ARQUITETURA BANCÁRIA

Desde meados do século XX, pode-se perceber uma forte tendência corrente em aceitar o desenho moderno em projetos para as agências. Tal dado é apresentado em edição especial sobre a arquitetura bancária na revista “Nuestra Arquitectura”, em setembro de 1964. (KICHIC, 1964)

Segundo a publicação, as referências ao estilo clássico são rompidas à medida que a transformação das funções das agências ensejam a atualização de suas imagens. Desde o início do século XX, os bancos privados começam a se expandir e evoluir de lugar destinado a guardar o dinheiro, à instituição de crédito. Essa troca incrementa uma nova relação com respeito ao cliente; e, para satisfazer as novas necessidades, as formas que fazem referência ao estilo clássico são vistas de modo inadequado. Incorporando o modernismo na arquitetura bancária, não somente é descoberta uma possibilidade de satisfazer as novas demandas práticas, mas, também, é percebido um meio de atrair novos clientes. (KICHIC, 1964).

Nos interiores ocorrem as primeiras transformações. Se convertem em lugares confortáveis e elegantes; deixam de ser experiências isoladas e distintas na vida cotidiana. A imagem do exterior tem mais dificuldade neste caminho, devido à dúvida: o desenho moderno pode trazer riscos aos significados imbuídos nas construções clássicas tradicionais? Para sanar a questão, foi necessário que os antigos princípios de segurança

e proteção fossem reconsiderados à luz das novas circunstâncias. A implantação, em ruas com intensa circulação de pedestres, permite elaborar a teoria de que o interior de banco à vista do público externo constitui em uma forma mais eficaz contra assaltantes. A partir disso, os muros sólidos e as portas monumentais, propostas nos antigos bancos introvertidos, são trocados por superfícies contínuas de vidro, em busca de um diálogo direto entre o interior e o público anônimo da rua. Os acessos se tornaram mais diretos e facilitados, convidando o usuário ao passeio e visitação do espaço bancário. Os grandes halls com c pulas se transformam em ambientes únicos, onde se confundem os espaços públicos e privados de trabalho. São adotados partidos com estruturas independentes que permitem uma adapta o contínua às variadas circunstâncias. O constante aumento de negócios e a mecaniza o da contabilidade fazem da flexibilidade um ponto de partida. Se o classicismo do século XIX se contentava com a afirma o de qualidades como a permanência, a dignidade e universalidade, a nova est tica sofisticada tenta ir mais  m destas, busca refletir a felicidade e o otimismo do homem capitalista. (KICHIC, 1964).

Um exemplo not rio da valoriza o do modernismo na arquitetura bancária encontra-se em Buenos Aires: a Sede Central do Banco de Londres e América do Sul. O projeto foi proposto em um concurso, de caráter privado, em janeiro de 1960. Constava nas bases do concurso a necessidade de um edifício que transmitisse a integridade, eficiência e confiança - presentes nas opera es do banco - por meio de uma expressão arquitet nica clara e concisa, que não recorresse a imagens do passado, nem a clich s atuais que logo se tornariam antiquados. Exigiam flexibilidade nas distribui es das fun es com o mínimo possível de pilares no interior dos recintos. Além disso, estabeleceram como condicionante o cuidado com futuras manuten es dos revestimentos escolhidos.¹

A dire o do banco considera que o projeto de Clorindo Testa, Santiago Sánchez El a, Federico Peralta Ramos e Alfredo Agostini, não somente resolve os aspectos funcionais e tect nicos, mas também, se adequa aos princípios simbólicos propostos. Sendo assim, seis anos depois, em agosto de 1966,   inaugurado um dos grandes exemplos de arquitetura moderna em terras sul-americanas.

A sede central do Banco de Londres e América do Sul localiza-se sobre uma esquina do microcentro portenho e se apresenta como uma grande estrutura de concreto armado que contrasta com as tradicionais constru es bancárias que a rodeiam. O partido arquitetônico parte de duas inten es projetuais, um zoneamento dos recintos de caráter privado e público em espaço unificado; e a continuidade espacial entre interior e exterior. O resultado   obtido por meio de um esquema estrutural onde uma malha cicl pica de concreto - que permite a integra o visual desde o interior às ruas adjacentes - sustenta um entremeado de vigas na cobertura, juntamente com as caixas de escadas, um pórtico na parte leste da edifica o e um robusto pilar localizado junto   entrada principal. Desta forma, a espacialidade   criada por uma caixa oca.

Internamente,   dividido em três subsolos e seis níveis superiores, além do pavimento de acesso que está conformado por um vazio na esquina, o qual dilata a

¹ Trecho das bases do concurso para a nova sede central do Banco de Londres e América do Sul, em Buenos Aires, Argentina. Fonte: **SUMMA**, n 6/7, p.28, dez.1966.

dimensão apertada das ruas Bartolomé Mitre e Reconquista, absorve a circulação dos pedestres e facilita o acesso à edificação. Dos seis níveis que fragmentam o espaço interno único, os dois primeiros se destinam ao atendimento do público, juntamente com o andar térreo e o primeiro subsolo; os demais pavimentos são de uso interno. Estruturalmente, as quatro bandejas, dispostas lado a lado, são suspensas mediante cabos tensores desde a retícula de vigas superior, e as outras duas bandejas, também em par, se apoiam em vigas centrais, permitindo um duplo balanço. (Figura 01).

No ano seguinte, a mesma equipe desenvolve o projeto para a sucursal do Banco de Londres, localizada na esquina das ruas Santa Fé e Junín, também em Buenos Aires. O partido explora a plasticidade do concreto aparente e, assim como na sede, a estrutura foi peça chave para a proposta.

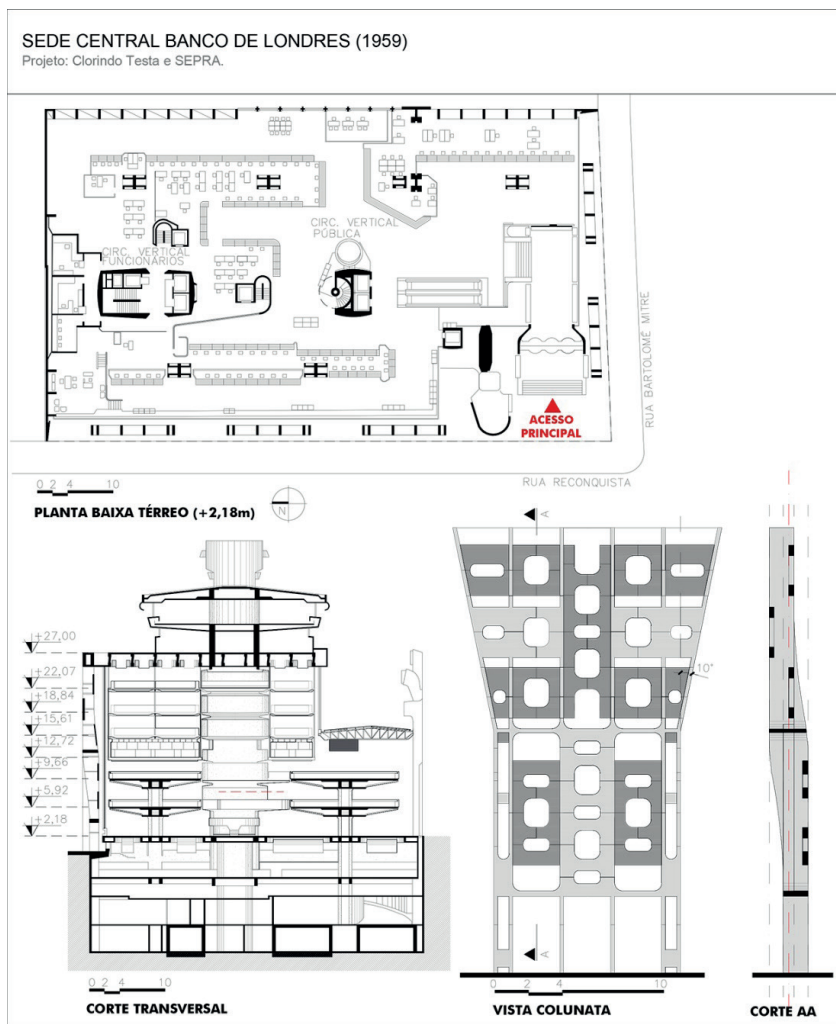


Figura 01. Redesenho de peças gráficas do projeto original da Sede Central do Banco de Londres.

Fonte: Desenho da autora. Novembro, 2016.

Considerando as dimensões reduzidas do terreno, opta-se por uma estrutura sem pontos de apoio interiores. As paredes das divisas com terrenos adjacentes, a escada escultórica e trechos da fachada voltada para a Rua Junín conformam um envolvente portante que apoia uma laje com cúpulas centralizadas. Esta, por sua vez, é responsável pela sustentação do 2º pavimento, que é suspenso por tirantes metálicos e abriga as salas de gerências, área de espera e atendimento.

E, corresponde ao piso do 3º pavimento, onde se localizam o escritório geral e uma área de terraço externo. (KICHIC, 1964). Além dos pavimentos citados, também estão presentes dois níveis em subsolo. Quanto ao acesso principal do público, se realiza pela Rua Santa Fé, no pavimento térreo. A entrada de funcionários se encontra na Rua Junín e possui circulação vertical de funcionários isolada.

Cabe destacar, da composição estrutural e formal, o invólucro da escada, de uso público, com degraus balanceados, composta por uma parede curva, que envolve também o elevador, e transita entre o interior e o exterior da edificação. Além disso, ressalta-se a estratégia compositiva de suspensão dos pavimentos que, assim como na sede central, libera o pavimento térreo e pelo recuo criado pelo pavimento, que não toca a face externa da edificação, permite maior visibilidade do interior para o exterior pelas esquadrias dispostas nas superfícies verticais. (Figura 02 e 03).



Figura 02. Antes e depois: estado da edificação da Sucursal Banco de Londres – Sta Fé e Junín.

Fonte (esquerda): Revista Nuestra Arquitectura, Buenos Aires, n. 509, dez 1979. P. 19. Fonte (direita): Google Street View.

Apesar de ambas as agências serem construídas em mesma época, com materiais semelhantes, com rigor na execução, materiais nobres e projetadas pela mesma equipe de arquitetos, não têm a mesma valorização com o passar dos anos. A sede central, apesar de sofrer adaptações, mantém a essência do projeto original, quase integralmente. Já a sucursal sofre com o descaso, desinformação e falta de cultura arquitetônica. O resultado

é uma reforma desrespeitosa, considerando a espacialidade interna, a desvalorização do sistema estrutural, a desqualificação das superfícies e desconfiguração da linguagem.

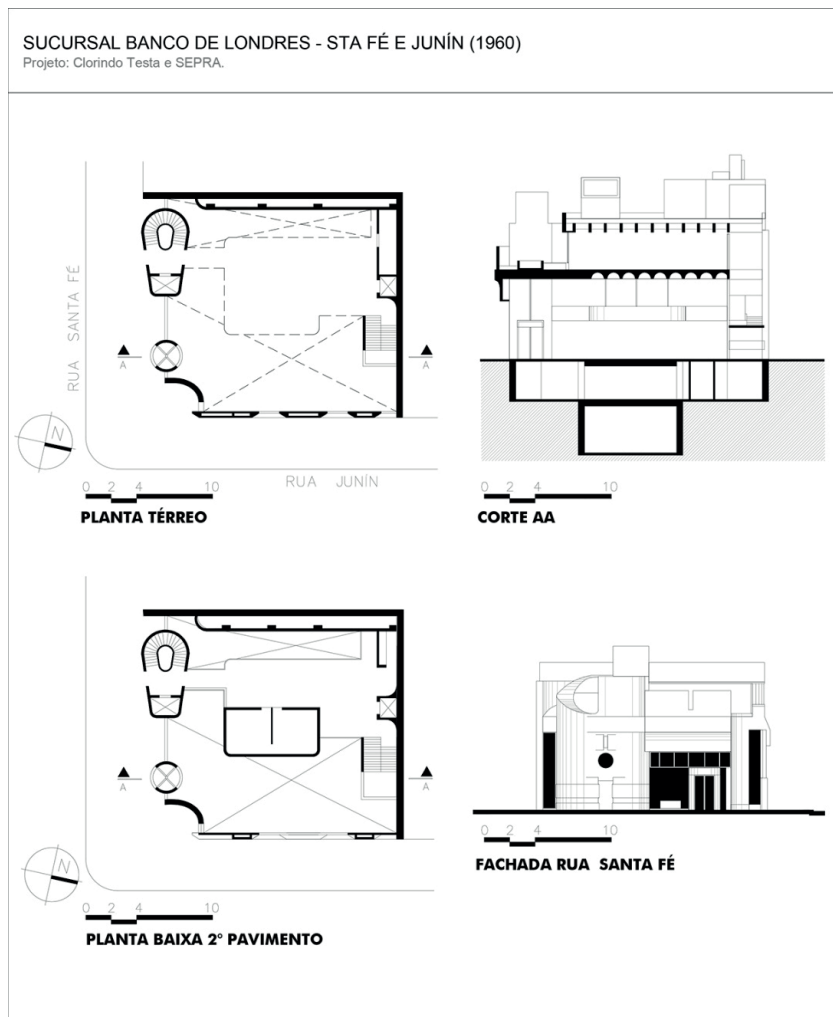


Figura 03. Redesenho de peças gráficas do projeto original da Sucursal do Banco de Londres – Sta Fé e Junín.

Fonte: Desenho da autora. Novembro, 2016.

Considerando os exemplos supracitados, é merecido enaltecer a proposta da disciplina de Ateliê de Arquitetura VI, tendo em vista a preocupação de mostrar aos estudantes, futuros arquitetos, a importância de valorizar e salvaguardar o patrimônio moderno arquitetônico.

3 | A EXPERIÊNCIA DO ATELIÊ DE ARQUITETURA VI

Ao longo de três semestres a presente autora teve a oportunidade de acompanhar as turmas de alunos de graduação na disciplina de Ateliê de Arquitetura VI, sob a ótica da documentação, preservação e conservação de patrimônio moderno. Duas agências bancárias foram os objetos de estudo: a Agência Caixa Econômica Federal José do Patrocínio (1975), projetada pelo arquiteto Jorge Decken Debiagi e equipe; e, a Agência Caixa Econômica Federal Moinhos de Vento (1973), projetada pelos arquitetos César Dorfman e Edenor Buchholz.

As características construtivas, associadas ao modernismo, certamente, são o mote para a escolha das agências como objeto de estudo. Ambas utilizam o concreto aparente como material resistente, possuem superfícies cristalinas, permitindo franca relação visual entre o interior e o exterior; e, com partidos diversos, valorizam a cobertura como elemento compositivo.

Reitera-se que a escolha dessas edificações, representativas do patrimônio moderno, tem a intensão de contribuir para a preservação e conservação não somente delas, mas para expor a preocupação e necessidade de salvaguarda de um conjunto edificado, especialmente relacionado à arquitetura bancária.

No que tange aos objetivos da disciplina, almeja-se a realização, por parte dos alunos, de um projeto de rearquitetura de uma edificação de valor cultural, no contexto da arquitetura do Rio Grande do Sul. Junto ao edifício a ser preservado é, geralmente, proposta uma nova edificação anexa, exercitando o projeto da inserção arquitetônica adequada ao entorno de um prédio preservado ou tombado, bem como a proposição de linguagens arquitetônicas contemporâneas que coexistam com linguagens progressas.

Além da apresentação em aulas expositivas e seminários, fazem parte das atividades de disciplina, sessões de orientação que são realizadas sob a forma de mesa-redonda ou por painel por amostragem, dando suporte ao desenvolvimento dos projetos dos estudantes no decorrer do semestre letivo.

Para a formulação do projeto, os professores estabelecem um uso, geralmente, cultural, e a elaboração do programa de necessidades é feita com a participação dos alunos. Esse debate contribui para a formulação do conceito e das diretrizes de arquitetura sobre a obra que o aluno irá projetar.

Sendo assim, conforme consta no Plano de Ensino da disciplina, tem-se por objetivos principais: desenvolver o projeto de uma arquitetura contemporânea relacionada com uma pré-existência (atentando para o equilíbrio entre as linguagens arquitetônicas: o novo e o antigo); desenvolver processos metodológicos de projetar arquitetura em intervenções de restauração e rearquitetura de edifícios; buscar a síntese formal qualificada, a partir de entendimento dos condicionantes do projeto em toda a sua complexidade; analisar a obra arquitetônica objeto da intervenção nos seus aspectos históricos, tipológicos, morfológicos

e técnico-construtivos, diagnosticando seu valor como bem cultural e suas condições físicas de conservação; e, elaborar detalhamento técnico-construtivo enfatizando as interfaces entre a obra antiga e a nova arquitetura proposta, bem como a resolução de elementos de arquitetura característicos da linguagem desenvolvida.

Diante dos objetivos, escolha dos objetos de estudo e entendimento dos conceitos de restauro e rearquitetura, é importante destacar o esforço desenvolvido pela equipe de professores e monitores no desenvolvimento do redesenho de todo o material pesquisado sobre os projetos das agências. Entende-se que é de grande valia para a preservação e conservação de patrimônio moderno, a documentação e registro dos materiais originais. Sendo assim, são redesenhadas as plantas baixas, de todos os níveis; plantas de cobertura e implantação e cortes. Além disso, o material fotográfico é analisado e são identificados elementos que, ao longo do tempo, foram enxertados na proposta original. Desta forma, é possível desenvolver, com precisão, o desenho original das edificações em estudo.

No que concerne à proposição do projeto, a disciplina prevê, além da rearquitetura, a inserção de uma edificação nova, em terreno adjacente ao objeto de estudo, com programa cultural.

A AGÊNCIA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL JOSÉ DO PATROCÍNIO

A Agência Caixa Econômica Federal José do Patrocínio (1975), conforme mencionado anteriormente, é projetada por Jorge Decken Debiagi e equipe. O arquiteto é responsável pelo projeto de outras 17 agências bancárias da mesma instituição, no Rio Grande do Sul e em São Paulo.

Localizada na esquina das ruas José do Patrocínio e Rua Alberto Torres, em Porto Alegre, a agência é implantada em um terreno em formato trapezoidal, sendo o lado menor com inclinação que acompanha a Rua Alberto Torres. Tem o partido arquitetônico baseado na disposição de uma cobertura, composta por um reticulado de vigas, elevada por 4 apoios cruciformes recuados. A estrutura fica ainda mais evidente por conta da superfície vertical transparente e pela disposição elevada em relação ao nível do passeio público. Esta elevação é desenvolvida por um talude gramado que absorve o pavimento semi-enterrado.

Outro volume, opaco e de menor impacto visual, acomoda-se parcialmente sob a cobertura, na face oposta à esquina. A implantação da edificação fica marcada pela liberdade, quase total, nas faces laterais. Apenas o volume opaco, sob a cobertura, se encontra edificado no alinhamento do terreno. E, ainda na composição do exterior, ficam destacados tubos de queda de água pluvial, contrapondo a horizontalidade da cobertura. (Figura 04 e 05).



Figura 04. Imagens do interior e exterior da Agência Caixa Econômica Federal José do Patrocínio, à época da construção.

Fonte: Acervo Debiagi.

Internamente, o partido arquitetônico, cujo destaque está na cobertura elevada, fica valorizado pela presença de zenitais entre as vigas da laje nervurada. De modo difuso, a luminosidade externa banha o interior da edificação. Desde o hall de entrada, pela Rua José do Patrocínio, o convite para ascender ao amplo salão iluminado é efetuado por uma escada. Contudo, em paralelo, outra escada, com as mesmas proporções, induz ao pavimento inferior.

Apesar do pavimento semi-enterrado ser, claramente, coadjuvante na proposta, se torna valorizado quando o “*piano nobile*” não se expande até a extremidade da edificação. Vazios laterais na laje do pavimento principal permitem uma relação espacial entre os pavimentos internos e com o exterior. Um terceiro nível, mais restrito, acontece sob a zona de acesso principal.

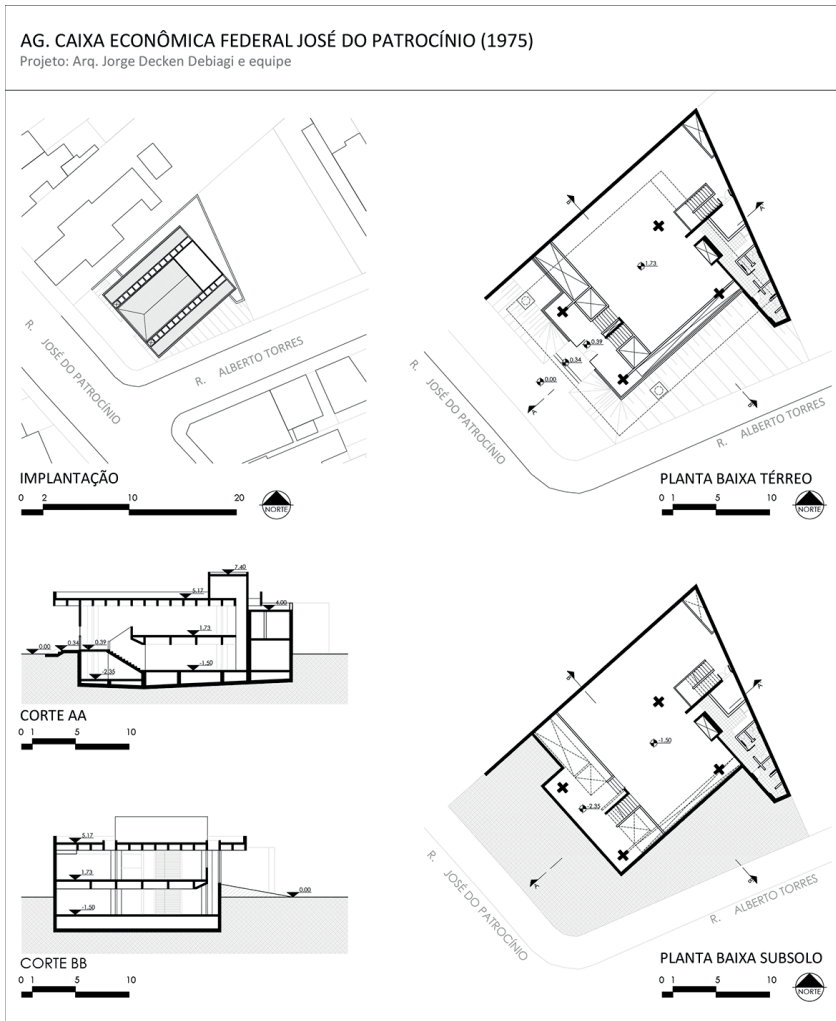


Figura 05. Redesenho das peças gráficas do projeto original da agência.

Fonte: Acervo da disciplina. Desenho: Arq. Lucas França Philippsen e presente autora, 2017.

O programa fica distribuído da seguinte maneira: no pavimento superior, a gerência e mesas de atendimento; no inferior, os caixas de atendimento ao público, caixa-forte e arquivos. Os espaços destinados aos funcionários se localizam no volume opaco, inserido na face lideira do terreno, disposto, parcialmente, sob a cobertura nervurada. Nesta mesma posição, mas externa ao volume sólido, uma escada conecta os pavimentos e permite maior agilidade no fluxo dos funcionários.

Este projeto original sofreu mudanças e adaptações no decorrer do tempo. Para o exercício projetual da disciplina de Ateliê de Arquitetura VI, é considerada a necessidade de resgate das características originais, portanto, os estudos são baseados na proposta

executada em 1975.

4 | A AGÊNCIA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL MOINHOS DE VENTO

A Agência Caixa Econômica Federal Moinhos de Vento (1973), conforme mencionado na apresentação, foi projetada por César Dorfman e Edenor Buchholz. Não foi obtido, com precisão, o número de agências projetadas pela dupla de arquitetos, mas é notória a presença de seus projetos, principalmente, no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Localizada na esquina das ruas Quintino Bocaiuva e 24 de Outubro, no Bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, a agência tem o partido arquitetônico baseado em uma barra longitudinal, que acompanha a morfologia do terreno, com face maior disposta ao longo do declive da rua Quintino Bocaiúva. A barra é virtualizada, ou seja, as arestas, em concreto aparente – vigas e pilares - são expostas, sem fechamento das faces do prisma de base retangular.

Os elementos que sobressaem ao visualizar a composição são as vigas transversais, distribuídas em paralelo, ao longo de toda a edificação. Estas vigas possuem um desenho constante: nas faces laterais do terreno, ampliam a dimensão valendo-se de uma curvatura. No alinhamento viário, a viga de borda acomoda a diferença de altura. No limite adjacente ao terreno vizinho, as vigas se apoiam em uma parede de concreto. Os pilares são alinhados a uma superfície cristalina, responsável pelo fechamento do espaço interno, e são recuados em relação à face da viga de borda de concreto armado aparente. Cabe destacar a funcionalidade da cobertura, como beiral e quebra-sol para a longa superfície transparente, que mantém a continuidade espacial e integração visual com o meio circundante.

A implantação da edificação é recuada em relação à Rua 24 de outubro para manutenção de uma figueira, de grande porte, existente. Ao redor dela, um jardim convida o usuário a adentrar o terreno, sem barreiras físicas. Cria-se uma praça, em meio à selva urbana, que estabelece relações visuais com o interior da edificação e tangencia um caminho que conduz ao acesso principal. (Figura 06).

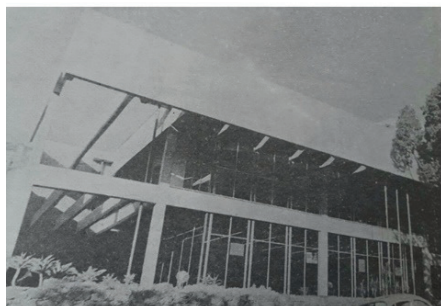
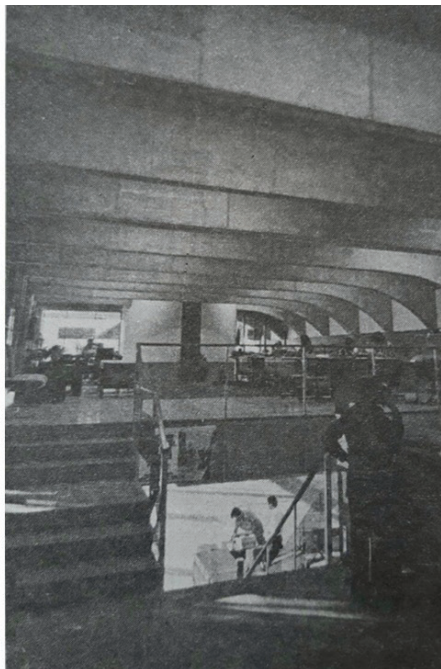


Figura 06. Imagens externas e interna da Agência Caixa Econômica Federal José do Patrocínio.

Fonte: XAVIER, A.; MIZOGUCHI, I. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987. P. 278.

Assim como a agência da José do Patrocínio, a cobertura é o elemento de destaque e pode ser apreendida, também, internamente. Ao entrar na agência, no nível da rua 24 de outubro, o usuário depara com uma espacialidade longitudinal contínua, mesmo sendo dividida por duas bandejas em níveis diferentes. O nível do acesso, mais baixo; e outro, elevado, permite acomodar mais um pavimento abaixo, graças à topografia relacionada à cota da rua Quintino Bocaiuva. Este pavimento, semi enterrado, possui fechamento alinhado com os pilares da edificação e, também, tem grande parte da face vertical com fechamento em vidro. Contudo, não é visível na totalidade do exterior pela presença de um muro de pedra que é disposto em paralelo e ao longo da rua. Internamente, são identificados volumes cilíndricos que fazem parte do sistema de ventilação e ar condicionado. (Figura 07).

Este projeto, assim como na Agência da José do Patrocínio, passa por alterações compositivas ao longo do tempo. Mas, para o exercício do projeto da disciplina, também é considerada a necessidade de resgate do projeto original.

AG. CAIXA ECONÔMICA FEDERAL MOINHOS DE VENTO (1973)

Projeto: Arq. César Dorfman e Arq. Edenor Buchholz

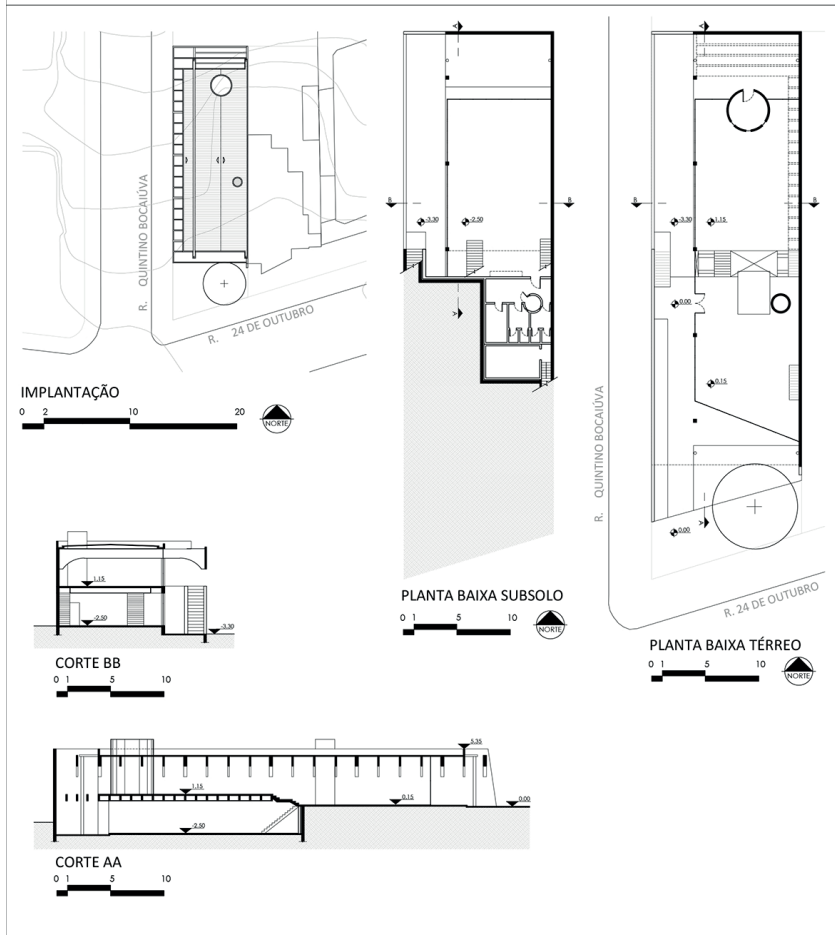


Figura 07. Redesenho das peças gráficas do projeto original da agência.

Fonte: Acervo da disciplina. Desenho: Arq. Bruna Plentz e presente autora, 2018.

CONCLUSÃO

Dado o exposto, este ensaio teve por objetivo principal demonstrar a importância de documentar e estudar as estratégias compositivas para preservar, conservar e respeitar as edificações pré-existentes; e, considerando a rearquitetura e inserção de novas edificações, a necessidade de formular novos conceitos, sem deixar de preservar a memória cultural. Ao levar a discussão para os alunos de graduação, aliam-se a prática e a academia, na intenção de fomentar a importância da preservação do patrimônio moderno.

REFERÊNCIAS

_____. “Banco de Londres y América del Sur, casa central Buenos Aires, Argentina, 1959-66”. **GA Books**, n°65, abr. 1984.

_____. “Banco de Londres y América del Sud”. **Summa**, Buenos Aires, n°6/7, dez. 1966.

BOHIGAS, O. “Un profesional sin angustia: Entrevista a Clorindo Testa”. Buenos Aires: **SUMMA**, n°183/184 – jan/fev 1983.

BULLRICH, F. **Nuevos Caminos de la Arquitectura Latinoamericana**. Barcelona: Editorial Blume, 1969.

CORADIN, C. S. “Banco de Londres e América do Sul: Detalhes construtivos e solução estrutural”. In: **II Seminário Docomomo Sul. Anais do II Seminário Docomomo Sul. Concreto: Plasticidade e industrialização na arquitetura do cone sul americano**. Porto Alegre, 2008.

KICHIC, R. E. “Arquitectura Bancaria.” **Nuestra Arquitectura**. Buenos Aires, n 418, Set.1964.

KIEFER, F. “Teorias da Conservação. As especificidades da Rearquitetura em contraposição ao Restauro, Reforma e Retrofit.” **Anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil / 1º Simpósio Científico ICOMOA-LAC**. Rio de Janeiro, 2020.

XAVIER, A.; MIZOGUCHI, I. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987.